

O Processo de Verossimilhança Interno na Obra *O vendedor de passados: Uma memória do não acontecido*

Cíntia Acosta Kütter

Malena Ribeiro Cardoso da Conceição (*)

Apresentação

Toda a interação gerada por um convívio social se estabelece pela base da comunicação. A pesquisadora Eni Orlandi afirma que: “Por isso, para nós, ser na linguagem é ser-se estranho, isto é, ser sujeito, em termos de discurso, é ser fora-de-si, é dividir-se.” (2001, p.188). Este fato possibilita a concretização de uma a interação verbal para com outros indivíduos, além de um diálogo corporal e visual. Somos assim, inseridos em uma cadeia de acontecimentos discursivos que nos norteiam em ciclos sociais antes mesmo do nosso conhecimento sobre eles, porque:

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não como o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. (ORLANDI, 1999, p.35)

A essa comunicação que transcende os meios físicos e palpáveis, denominamos discurso. Segundo essa concepção, teríamos no ato da fala o estabelecimento de uma informação que, encaminhada ao outro, que não o próprio falante, assumiria um significado, sendo decodificada por esse segundo locutor que instaura uma rede de conhecimentos já internalizados e contextualizados na sua memória,

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de argumentação, de subjetivação, de construção de realidade, etc. (...). Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 1999, p.21)

Concebendo então o sujeito como um *indivíduo afetado pela história*, segundo Orlandi, isto é, por todos os acontecimentos sociais e culturais de uma sociedade, teremos na construção do discurso a participação de composições de imagens ilustrativas da memória e dos conhecimentos pessoais que permeiam o caminho percorrido por esse sujeito. Daí a importância da teoria do

(*) *Cíntia Acosta Kütter* é doutoranda (UFRJ) e mestra (UFF) em Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa. Professora substituta de Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa na UFRRJ. Integrante do grupo de pesquisa “Escritas do corpo feminino” (UFRJ/UNILAB). *Malena Ribeiro Cardoso da Conceição* é graduanda em Letras: Português/ Literaturas pela UFRRJ. Desenvolve pesquisas de Iniciação Científica no campo da Análise do Discurso, na interface Linguística e Literatura.

discurso dentro da reconstrução do passado ou da própria alteração do futuro. Podemos alcançar, por essa análise, a noção de uma *memória de constituição* ou da *atualidade da formulação* (ORLANDI, 1999, p.33). Pretendemos identificar os processos acima discutidos, na obra *O vendedor de passados*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa. O presente artigo propõe a análise da incidência dessas construções ao realizar uma releitura dos fragmentos de textos com o aparato teórico da análise do discurso francesa. Entende-se que a composição de um discurso pós-colonial permeia todo um processo de estruturação identitária e, dado o seu valor ideológico, deve ser analisado minuciosamente. Pensando com Leite:

A tendência para situar no âmbito da oralidade e das tradições orais africanas o discurso crítico e a produção textual surge ainda de certo modo como forma de reação a uma visão das literaturas africanas como satélites, derivados das literaturas das "metrópoles". É um discurso que, de certo modo, se torna reativo pela atitude inversa. De um cânone marcado pelo signo da colonialidade, passa-se à assunção de outro, indígena, que tenta centripetamente encontrar, no âmbito da cultura africana, os modelos próprios e autênticos. (LEITE, 2014, p.16).

Por vezes, a análise da memória é considerada evasiva pela probabilidade de uma composição produzida, facilmente alterada pelo sujeito do discurso. Afinal, quais são os recursos que delimitam e norteiam o sujeito quanto à construção da verossimilhança? Como afirma Orlandi: "O discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se encontrar sua regularidade não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção." (1988, p.73). Até na realização de um passado alterado, os dados ali empregados carregam, por vezes, uma carga simbólica à memória do indivíduo. Somos seres transitórios e voláteis. Nas palavras do escritor Moçambicano Mía Couto:

A mais perigosa armadilha é aquela que possui a aparência de uma ferramenta de emancipação. Uma dessas ciladas é a ideia de que nós, seres humanos, possuímos uma identidade essencial: somos o que somos porque estamos geneticamente programados. (...) Na realidade, de pouco vale a leitura se ela não nos fizer transitar de vidas. De pouco vale escrever ou ler se não nos deixarmos dissolver por outras identidades e não recordarmos em outros corpos, outras vozes. (COUTO, 2011, p.101)

Dividido em duas seções essenciais, o presente trabalho buscará discorrer sobre a incidência da memória no discurso sociocultural, almejando reconstruir a utilidade do desmembramento do indivíduo para com o seu passado e/ou futuro pela criação da memória.

Como afirma Leite, "A enunciação do legado "oral" faz-se através do enunciado, que cumula e concentra, numa geologia estratificada que atinge a sintaxe, os ritmos híbridos das "oralidades"."(2014, p.33). Dessa forma, mesmo nas literaturas pautadas no âmbito da escrita, a tradição oral será velada pela estrutura sintática do texto, mas:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também

por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. (ORLANDI, 1999, p.53)

O escritor angolano, José Eduardo Agualusa, nasceu em 1960 na província do Huambo, graduou-se em agronomia, pela Universidade de Lisboa, mas sua predisposição à escrita o levaram ao caminho das letras. Autor e jornalista possui livros traduzidos em mais de 20 idiomas.¹ Suas obras mais conhecidas pelo público brasileiro são: *A Conjura* (1989), *Estação das Chuvas* (1996), *Nação crioula* (1997), *Um estranho em Goa* (2000), *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* (2001), *O Vendedor de Passados* (2004), *As mulheres do meu pai* (2007), *Barroco tropical* (2009), *Milagrário Pessoal* (2010), *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), *A Rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo* (2014), e *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017).

Em *O vendedor de Passados*, temos uma personagem, a Osga, chamada Eulálio, que será o narrador principal do romance – afirmo a primariedade do narrador, pois, mesmo nas falas de outros personagens, estaremos conscientes do texto pelos seus comentários.

Após a apresentação da Osga como narradora, quebrando, em um primeiro instante a cordialidade de uma realidade estável, maciça, tomamos conhecimento da história do indivíduo que nomeia o livro, Félix, O vendedor de passados. Pouco a pouco nos são apresentadas as personagens que compõe a estabilidade da narrativa e, os motivos pelos quais estas almejam a reescrita de seus passados. Por uma linguagem metafórica, todo o conjunto de participantes da narrativa é relevante: a casa, as pinturas, as pessoas e, acima de tudo, as suas histórias. Na obra, a construção da identidade de cada personagem é apresentada no corpo do texto, desenvolvida página a página, como que alertando ao leitor sobre a transitoriedade e a instabilidade do ser,

Clary-Lemon (2010) refere que os trabalhos sobre a identidade de Ricoeur (1992), Martin (1995) e Hall (1994) podem ser sintetizados em três dimensões: a identidade é uma construção discursiva muitas vezes revelada nas histórias que as pessoas contam sobre elas e os outros e em memórias recontadas do passado; as identidades são sempre provisórias, encontram-se em transformação constante, e devem ser compreendidas na relação com o outro; as identidades culturais e nacionais são fragmentadas interna e externamente, resultando do processo de negociação de diferentes perspectivas sobre a semelhança e a diferença. (MACEDO, CABECINHAS E MACEDO, 2011, p.175-176)

E ainda,

Venho estudando desde há semanas José Buchmann. *Observo-o mudar. Não é o mesmo homem que entrou na casa, seis, sete meses atrás*. Algo, da mesma natureza poderosa das metamorfoses, vem operando no seu íntimo. (...) A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável, está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre. (*Eu acreditava nisto antes de conhecer Félix Ventura*). (AGUALUSA, 2004, p.59) (Grifos nossos).

¹ Informações consultadas no site oficial do autor: <http://www.agualusa.pt/cat.php?catid=28>

Como visto nas passagens acima, a memória quando associada à identidade do sujeito é um componente extremamente oscilante. Por consequência, um povo sem memória, sem passado, é, por associação, um povo isento de previsões acerca do futuro. Ressalto, portanto, as passagens grifadas no trecho de Agualusa, no qual é visível a transitoriedade da figura do personagem José Buchmann. Félix, ao alterar o passado desse estrangeiro, lhe possibilita transfigurar em sua própria realidade.

A instabilidade do indivíduo como sujeito da narrativa histórica relata a instabilidade de uma continuidade cronológica. Agualusa afirma que: “A memória é uma paisagem contemplada de um comboio em movimento. Vemos crescer por sobre as acácias a luz da madrugada, as aves debicando a manhã, como um fruto” (2004, p.153), Nesta passagem observamos a construção da memória exatamente pela face desse objeto impalpável que se desmembra entre os indivíduos, transitória.

Leite (2012, p.19) afirma que:

O reconhecimento e a ideia aceitos de que a literatura africana moderna nasce a partir da introdução da escrita em África pelos europeus levou uma curiosa dicotomia no discurso crítico: a escrita é europeia, a oralidade africana. (...) Ou seja, a “natureza” cultural africana é tida como oral; são os europeus que vieram perturbar esse estado “natural e adâmico” (2012, p. 19).

Considerando a cultura oral mencionada por Leite, entendemos que a combinação do discurso com os feitos cotidianos se baseia na produção da memória. É por meio desta que os indivíduos garantem a singularidade de uma informação. O processamento do discurso se “realiza em nós em sua materialidade” (ORLANDI, 1999, p.35).

Orlandi discorre ainda sobre a existência de uma terminologia dual para a pauta do esquecimento, aqui relacionada à memória. Teríamos, de acordo com a autora, um primeiro esquecimento, “da instância do inconsciente, em como somos afetados pela ideologia”, e um segundo esquecimento descrito pela “ordem da enunciação (...) Este “esquecimento” produz em nós a impressão de realidade do pensamento.” (1999, p. 34-35).

Identificamos, na narrativa de Agualusa, a representação das duas formas de esquecimento propostas acima por Orlandi. Na instância do primeiro esquecimento, teríamos a indução do legado memorial por fatos do cotidiano. Ao refazer a leitura de sua infância e contar para Ângela uma figura diferente daquela que seria, de fato, o seu avô, Félix estipula a marca de um esquecimento inconsciente. Ele altera um dado e, mesmo que saiba o motivo da alteração, manifesta o seu discurso de forma a convencer o outro da veracidade de sua própria narrativa.

- Ah, reconheceste-o? O que queres?, chama-se a isto deformação profissional. Crio enredos por ofício. Efabulo tanto, ao longo do dia, e com tal entusiasmo, que por vezes, chego à noite perdido no labirinto das minhas próprias fantasias. Sim, é Frederick Douglas, comprei esse retrato de uma feita de rua, em Nova Iorque. (AGUALUSA, 2004, p. 124-125).

Orlandi, afirma que:

Essa contraditoriedade é pensada na análise de discurso em dois lugares especificamente: a) pela ilusão do sujeito de que ele é a fonte de seu dizer quando na verdade o seu dizer nasce em outros; b) pela relação existente entre a formação discursiva e a formação ideológica. Isto é, essa contraditoriedade deriva do fato de que há interpelação do indivíduo em sujeito feita pela ideologia. (2001, p.188)

O segundo esquecimento encontrado na obra *O vendedor de passados* calca a própria produção comercial da memória: a reestruturação de um tempo passado. Félix Ventura propicia a venda de novas histórias aos seus clientes, sendo estas originais e pautadas em uma articulação coerente, verossímil.

Eram empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas, generais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. *Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes a árvore genealógica.* Dá-lhes as fotografias dos avós e bisavós, cavalheiros de fina estampas, senhoras do tempo antigo. (AGUALUSA, 2004, p.17) (Grifos nossos).

Sobre esta afirmação, discorre Orlandi (1999, p. 37), “Por isso é que dizemos que o esquecimento é estruturante. *Ele é parte da constituição do sujeito e dos sentidos.* As ilusões são “defeitos”, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. ” Vemos na obra de Agualusa indivíduos que almejam mudar o passado por uma atribuição do presente: um cargo de prestígio, uma situação de risco. É o esquecimento de quem são que propicia a estruturação de um novo indivíduo.

As paredes constituintes da noção de verossimilhança presentes na obra *O vendedor de passados* se apresentam ao leitor pela estruturação de uma narrativa de alta carga simbólica, trabalhada por uma linguagem velada que, à primeira vista, pode ser lida por uma abordagem demasiadamente inocente, com a qual discordamos pelo trato altamente elaborado narrativa.

Sobre a definição do recurso de estruturação interna da narrativa do romance, como afirma Antonio Candido, em *A personagem de ficção*:

No momento, assinalemos que, tomando o desejo de ser fiel ao real como um dos elementos básicos na criação da personagem, podemos admitir que esta oscila entre dois pólos ideais: ou é uma transposição fiel de modelos, ou é uma invenção totalmente imaginária. São estes os dois limites da criação novelística, e a sua combinação variável é que define cada romancista, assim como, na obra de cada romancista, cada uma das personagens. (1976, p.55)

Evidenciamos o paralelo de realidade inserido em *O vendedor de passados* pela fala de Agualusa, em que a veracidade palpável da escrita é acentuada pela fala do narrador. Temos no texto um *corpus* autêntico e verossímil, que nos faz identificar sua composição histórica mesmo que

esta seja narrada por uma figura que, inicialmente, nos pareça uma construção abstrata. Eulálio, figura utópica do discurso textual, apresenta-se como uma personagem estável e concreta que narra os acontecimentos de modo a mobilizar o leitor e nunca induzi-lo a supor a irrealidade dos fatos,

A realidade é dolorosa e imperfeita -, dizia-me: - é essa a sua natureza e por isso a distinguimos dos sonhos. (...) A realidade fere, mesmo quando, por instantes, nos parece um sonho. Nos livros está tudo o que existe, muitas vezes em cores mais autênticas, e sem dor verídica de tudo o que realmente existe. (AGUALUSA, 2004, p.102)

A memória é trabalhada na obra pela interação entre esquecimento e lembrança. A realidade que fere é o produto que motiva os personagens a buscarem uma outra versão de si, construindo uma realidade de passado produtivo para as suas vidas. Como afirmado por Márcio Seligmann: “O registro da memória é sem dúvida mais seletivo e opera no *double bind* entre lembrança e esquecimento, no tecer e destecer (...). Mas assim como devemos nos lembrar de esquecer, do mesmo modo não devemos esquecer de lembrar.” (2003, p.60)

Especificamente no âmbito de *O vendedor de passados*, a memória, a construção ou/e reconstrução do passado apresenta a volatilidade de um discurso social. O passado pode ser replanejado, mas carece de uma estruturação verossímil para o êxito do replanejamento, como visto na passagem a seguir:

Explicou que pretendia fixar-se no país. Queria mais do que um passado decente, do que uma família numerosa, tios e tias, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, avós e avôs, inclusive duas ou três bessangas, embora já todos mortos, naturalmente (...) Precisava de um novo nome, e de documentos nacionais, autênticos, que dessem testemunho dessa identidade. O albino ouvia-o aterrado
- Não! -, conseguiu dizer. – Isso eu não faço. *Fabrico sonhos, não sou um falsário...* Além disso, permita-me a franqueza, seria difícil inventar para o senhor toda uma genealogia africana. (AGUALUSA, p.18) (Grifos nossos)

Félix Ventura organiza a construção da memória calcada em uma produção verossímil de lembranças, por isso, na passagem acima, podemos ver a ênfase da fala do personagem à concretude do trabalho da reconstrução de passados. Por constituir parte do indivíduo, o passado atua paralelamente à sua condição presente. “A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente.” (GAGNEBIN, p.55) Podemos dizer, portanto, que quando planejado a direcionar uma nova história “decente” e uma genealogia digna aos clientes, Félix está pautado em um “dizer da atualidade” (ORLANDI, 1999, p.32-33). A condição do presente é o motivo desencadeador do sujeito almejar a mudança do passado e formular um “novo eu”. Mesmo que o albino – apelido de Félix – enfatize que não inventa identidades, após mudar a história das pessoas, elas serão automaticamente afetadas e metamorfoseadas por essas invenções (AGUALUSA, 2004, p. 73),

Pelo funcionamento do interdiscurso, a historicidade, que determina aquilo que, da situação, das condições de produção, é relevante para a discursividade. Pelo funcionamento do interdiscurso, suprime-se, por assim dizer, a exterioridade como tal para inscrevê-la no interior da textualidade. Isso faz com que, pensando-se a relação da historicidade (do discurso) e a história (tal como se dá no mundo), é o interdiscurso que especifica, como diz M. Pêcheux (1983), as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória. (ORLANDI, 1999, p.33)

Em um segundo momento pensamos a memória, como representada no romance, de José Eduardo Agualusa, figura pela memória de constituição (ORLANDI, 1999, p.32-33). Por essa terminologia, entendemos a estruturação de uma memória constituinte do sujeito enquanto indivíduo histórico, isto é, afetado pelas condições sociais em que está inserido.

- E então?! Você é mais branco do que eu!...
- Branco, eu?! -, o albino engasgou-se. Tirou um lenço do bolso e enxugou a testa: - Não, não! *Sou negro puro*. Sou um autóctone. *Não está a ver que sou negro?...*
Eu, que permanecera o tempo todo no meu lugar habitual, junto à janela, não consegui evitar uma gargalhada. (...) (AGUALUSA, 2004, p.18-19) (Grifos nossos).

Na passagem acima, Félix Ventura, o albino, enfatiza o seu pertencimento sociocultural. Desta forma, a noção de pertencimento, interior, será fortalecida pelo discurso exteriorizado pela fala e, conseqüentemente, por uma autoafirmação. A linha que separa sujeito e ideologia se apresenta em uma visível neutralidade de ação.

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto de discurso, dentro de uma conjuntura sócio histórica. (ORLANDI, 1999, p.40)

O indivíduo fala sobre si, almejando estruturar um discurso que o defina e, conseqüentemente, molda uma imagem exterior ao outro que o ouve/vê. Existe, portanto, uma coerência aquém da abordagem imagética na montagem desta fala. O sujeito se molda, se constitui para afirmar, além das palavras e da fisionomia, aquilo que ele acredita ser.

O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscurso nos permite, no exemplo, remeter o dizer da faixa a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identifica-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos. (ORLANDI, 1999, p.32) (Grifos nossos).

“Não, não! *Sou negro puro*. Sou um autóctone. *Não está a ver que sou negro?...*” (AGUALUSA, 2004, p. 18). Félix enfatiza sua enraização cultural pelo discurso. Talvez, essa noção de pertencimento não seja visível em sua pele, mas, quando acompanhamos sua história e entendemos sua biografia, compreendemos a passagem “*Não está a ver que sou negro?*”. Nesse caso, a visibilidade retratada não é física, mas sim, ideológica, como visto no trecho de Orlandi.

Pensando com Homi K. Bhabha, quando discorre sobre o efeito da “dispersão”, que pode ser discutido/ampliado ao dizer de Félix sobre sua identidade étnica:

A incômoda divisão que quebra a linha de pensamento mantém viva a dramática e enigmática sensação de mudança. Aquele alinhamento familiar de sujeitos coloniais – Negro/Branco, Eu/Outro – é perturbado por meio de uma breve pausa e as bases tradicionais da identidade racial são dispersadas (...) (BHABHA, 1998, p.50)

O indivíduo utiliza a memória como um recurso de autoafirmação em ambos os casos de esquecimentos, diferenciando-os apenas pelas razões desencadeadoras do processo de obliteração dos fragmentos da lembrança, e,

Aquilo que, da situação, significa é já determinado pelo trabalho da memória, pelo saber discursivo, ou seja, aquilo que já faz sentido em nós. O recorte significativo da situação – o que é relevante para o processo de significação – é determinado pela sua relação com a memória. Uma observação a fazer é a de que aí estamos incluindo o próprio sujeito, enquanto locutor. Assim, o que funciona no jogo entre o mesmo e o diferente é o imaginário na constituição dos sentidos, é a historicidade na formação da memória (Orlandi, 1998, p. 14-15).

Como vimos, a questão da memória engloba muito além de uma noção espacial e/ou temporal ao social do indivíduo. Sua vivência, as partículas que constituem em si uma composição histórica dialogam diretamente com um passado calcado em um “instante já” (SANTIAGO, 1999, p.234). Por este fato consideramos a memória como uma inferência direta ao discurso atual do indivíduo, seja ela um relato, um romance, ou uma narrativa de cunho histórico,

Uma ocasião levaram-me a uma festa. Um velho festejava o seu centésimo aniversário. Quis saber como é que ele se sentia. O pobre homem sorriu-me atônito, disse-me, não sei bem, aconteceu tudo demasiado rápido. Referia-se aos seus cem anos de vida e era como se estivesse a falar de um desastre, algo que sobre ele tivesse desabado minutos antes. Às vezes sinto o mesmo. Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio. Sinto-me como esse velho. (AGUALUSA, 2004, p. 40)

Consideramos ainda que as premissas do esquecimento atreladas à teoria francesa da análise do discurso dialogam positivamente para com os fragmentos textuais analisados durante o trabalho, entendemos aqui que, o esquecimento, assim como a memória, são recortes do íntimo, podendo ser lidos como composições alteradas de forma proposital e/ou incidências construídas ciclicamente por um viés histórico-social,

Pode-se falar em uma ética da representação do passado que implica a nossa dívida para com ele e para com os mortos. Mas é evidente que não existe a possibilidade de uma tradução total do passado; (...) Como transpor esse raciocínio para o campo da historiografia? Nesse campo da política da memória e da História exige-se uma fidelidade que vá além da fidelidade de leitura. (SELIGMANN, 2003, p. 64).

Realoca-se então a discussão do lugar ocupado pelo *insight* da memória na história do indivíduo, entendendo que, toda a cristalização dessa composição identitária permeará os níveis discursivos, quando o sujeito relatar a experiência mesmo que ela não seja verídica, mas sim verossímil, e textuais, quando o relato oral não for mais a sua única ferramenta de exteriorizar o relato. Assim, pensamos que as alterações dos dados de realidade, como o tempo circular, as digressões vividas pelos personagens, a inserção de sonhos entre as narrativas de cunho concreto – que fogem tanto ao senso do irreal, fantástico –, em nada alteram as construções verossímeis da narrativa,

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 1976, p.55).

A memória em *O vendedor de passados*, segundo a concepção desta análise, se predispõe a conduzir os indivíduos na narrativa histórica em que estão inseridos, ora servindo para exaltá-los e lhes ofertar uma nova visão do real que vivenciam (esquecimento 2, da ordem da enunciação), ora para fabular uma realidade outra, inventada pelo próprio sujeito (esquecimento 1, da instância do inconsciente). Como delimitado por Orlandi (1999, p.43), “todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”.

Referências

- AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CANDIDO. Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FOUCAULT, Michel. A linguagem ao infinito. IN: *Ditos e Escritos III*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 47-59.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.
- MACEDO, Isabel; CABECINHAS, Rosa. MACEDO, Lurdes. “Blogando a lusofonia: experiências em três países de língua oficial portuguesa”. *Anuário internacional da comunicação lusófona*, Portugal, p.175-176, 2011. Disponível em: http://www.lusocom.info/livros/201208311230-815_2800_1_pb.pdf

- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Pontes, 2001.
- _____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. *Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico*. Rua– Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da Unicamp NUDECRI. Campinas: UNICAMP, n. 4, 1998, p. 9-19.
- SANTIAGO, Silvano. A aula inaugural de Clarice Lispector. In: MIRANDA, Wander Melo. (org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 13-30.
- SELIGMANN-SILVA, M. *História, Memória, Literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar o processo responsável pela construção de uma memória discursiva interna à obra *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa. Considerando os parâmetros dos esquecimentos atrelados à noção temporal norteadora de passado e futuro, os meios de análise, fundamentados na teoria da análise do discurso francesa, evidencia-se o caráter digressivo da obra a partir do conceito do interdiscurso relacionado ao viés histórico. Utilizando a teoria do discurso, explicitada aqui pela pesquisadora Eni Puccinelli Orlandi, direcionada aos fragmentos da obra, teremos como indicação a existência de dois tipos de esquecimentos pontuados na trama por seus personagens.

Palavras-chave: Memória; Discurso; Agualusa.

Abstract: This paper aims to analyze the process responsible for the construction of a internal discursive memory in *O vendedor de passados*, of José Eduardo Agualusa. Considering the parameters of forgetfulness linked to temporal notion of past and future, guiding the means of analysis based on the French theory of discourse analysis, we highlight the character digressive of the work by the concepts of social interdiscourse internalized by the historical bias. Using the theory of speech directed to the fragments of the work, made explicit here by the researcher Eni Puccinelli Orlandi, directed to the fragments of the work, as an indication of the existence of two types of forgetfulness punctuated in the plot by the characters.

Keywords: Memory; Discourse; Agualusa.

Recebido em: 07/04/2018.

Aceito em: 29/04/2018.